

CONVERSA

15 DEZ'12 / sáb 16h30 | 60 min. aprox.

## AUGUST STRINDBERG EM PORTUGAL: 109 ANOS EM CENA

moderada por TÂNIA FILIPE CAMPOS

com MARCO MARTINS, MIGUEL GUILHERME, ISABEL ABREU e SÉRGIO PRAIA

August Strindberg dramaturgo sueco, romancista, poeta, ensaísta e pintor foi considerado, por muitos, o pai da literatura sueca moderna. Um escritor prolífico que se serviu, muitas vezes, das suas vivências pessoais para criar um imenso espólio literário. Dedicou-se ainda à análise cultural, política, histórica e religiosa. Foi um experimentador ousado e iconoclasta, explorando uma ampla gama de métodos e propósitos dramáticos, antecipando já o expressionismo nas suas técnicas dramáticas.

Portugal recebe-o em 1903, com a peça *O Pae*, a qual foi imediatamente censurada. O percurso da receção deste autor no nosso país é feito simultaneamente de hiatos e de recorrentes apresentações em cena. A sua receção acompanhou vários sistemas políticos e conjunturas sociais: a monarquia, Primeira República, Estado Novo, período pós-revolucionário e, num plano recente, um sistema democrático que se revela estável.

Uma vez que a importação das peças de Strindberg, enquanto performance teatral, estrutura literária e identidade cultural, foi e ainda é feita através do uso de tradução indireta, o percurso teatrológico Strindberguiano em Portugal revela que é importante questionar a relevância de encenar Strindberg hoje em dia, o significado das interferências entre as fronteiras culturais e as categorias de identificação nacional que permitem definir as estruturas próprias de uma cultura de partida e de uma cultura de chegada.

Partindo desta abordagem é possível esboçar uma evidente interdisciplinaridade entre os estudos interculturais e os diversos sistemas que evoluíram em paralelo e em cooperação uns com os outros, já que existe uma clara interseção e sobreposição de culturas que se fundem no trabalho do tradutor e que ganha forma através do jogo teatral posto em cena.

Tânia Filipe Campos

### TÂNIA FILIPE CAMPOS

Com formação académica em Ensino de Português/Inglês, licenciatura atribuída pela Universidade de Évora, Tânia Filipe Campos tem-se especializado no estudo da obra de August Strindberg e do fenómeno da tradução indireta. O autor foi o centro da sua tese de mestrado em Literatura e Poéticas Comparadas, intitulada *Tradução Indireta: sintoma das relações entre literaturas – O caso da receção do teatro de Strindberg em Portugal* e, mais tarde, do seu doutoramento, no âmbito dos Estudos Artísticos – Secção de Teatro, com a dissertação *Fröken Julie de August Strindberg: teatrografias. Importação de modelos literários e teatrais*. Do seu percurso profissional, destaque para a colaboração com o Teatro Nacional D. Maria II na revisão da edição da obra de August Strindberg, *A menina Júlia*, em 2009.

 amigos

**Vivace** Tipografia Beira Alta, Lda. • **Allegro** BMC CAR • Dão • Quinta do Perdigo • **Andante** Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco • João Carlos Osório de Almeida Mateus • PsicoSoma • **Adágio** Amável dos Santos Pendilhe • Ana Luísa Nunes Afonso • Ana Paula Ramos Rebelo • Armada Paula Frias Sousa Santos • Benigno Rodrigues • Carlos Dias Andrade e Maria José Andrade • Engrácia Castro • Farmácia Ana Rodrigues Castro • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Geraldine de Lemos • Isabel Maria Pais e António Cabral Costa • José Luís Abrantes • José Gomes Moreira da Costa • Julieta Teresa de Melo Gomes Ribeiro • Julia Álvés • Júlio da Fonseca Fernandes • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Fátima Rodrigues Ferreira Moreira de Almeida • Maria de Lurdes da Silva Alves Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Miguel Costa e Mónica Sobral • Nanja Kroon • Pastelaria Doce Camélias, Lda • Paula Nelas • Paulo Jorge dos Santos Marques • Pedro Miguel Sampaio de Carvalho de Tovar Faro • Pieter Rondeboom e Magdalena Rondeboom • Teresa da Conceição Azevedo • Vítor Domingues • **Júnior** Ana Mafalda Seabra Abrantes • Ana Margarida Rodrigues • Beatriz Afonso Delgado • Brígida Caiado • Carla Filipa Seabra Abrantes • Diogo Rafael Teixeira Ascensão • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Gonçalo Teixeira Pinto • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa.

MECENAS 



**VIDIS**



#### TEATRO VIRIATO | CENTRO DE ARTES DO ESPECTÁCULO DE VISEU

Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Ana Cláudia Pinto *Assistente da Direção* • Maria João Rachete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos, Pedro Teixeira e Rui Cunha *Técnicos de Palco* • Filipa Romeu *Assistente de Técnico de Palco* • Marisa Miranda *Imprensa e Comunicação* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • Fátima Domingues, Raquel Marcos e Vânia Silva *Receção* • Paulo Mendes *Auxiliar de Receção/Vigilância* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eleticidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Bruno Marques, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Diogo Almeida, Franciane Maas França, Francisco Pereira, Joana Tarana, João Almeida, Luis Figueiral, Maria Carvalho, Margarida Fonseca, Neuza Seabra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral e Vânia Silva.

Colaboração Técnica 



estrutura  
financiada por:





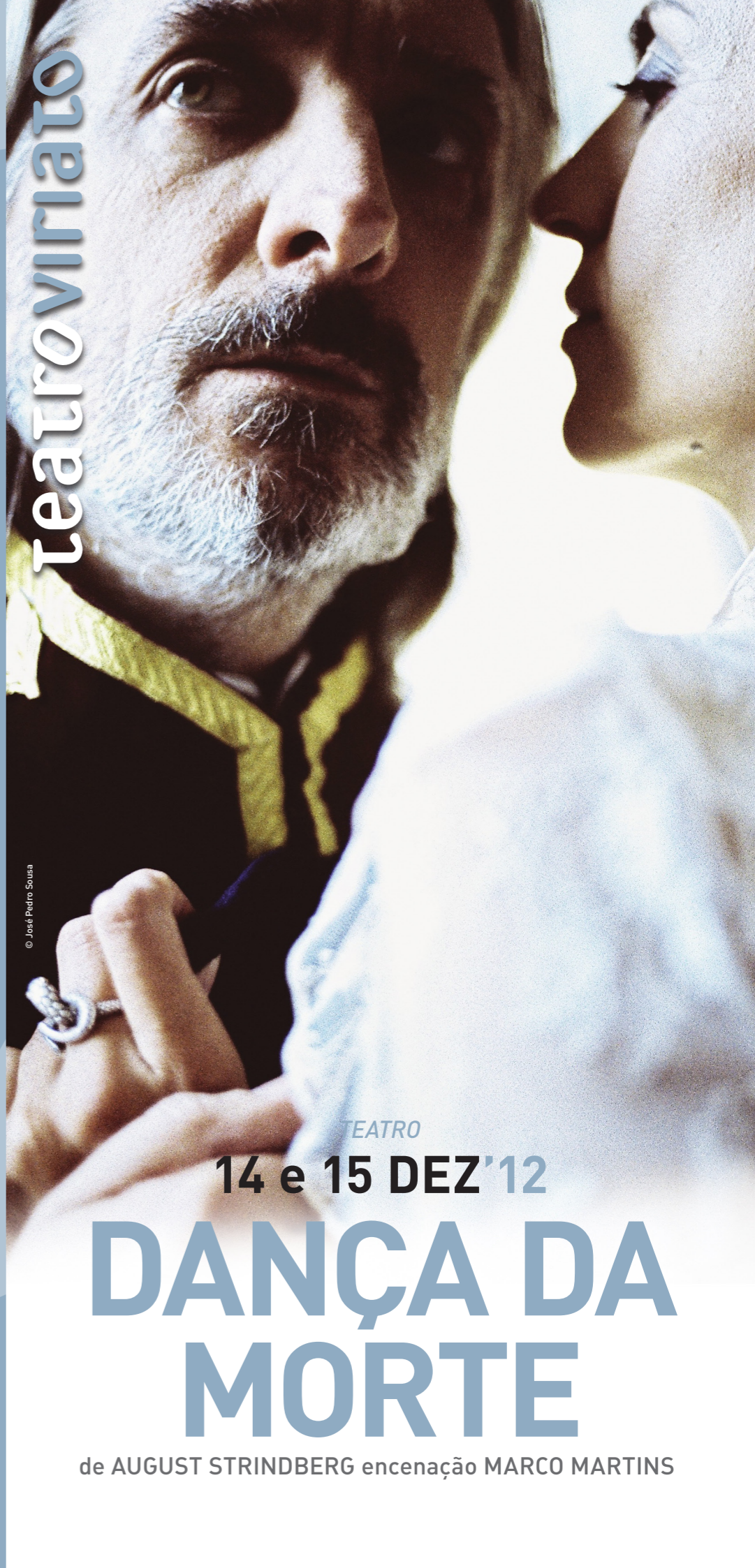


Próximo espetáculo



© José Alfredo

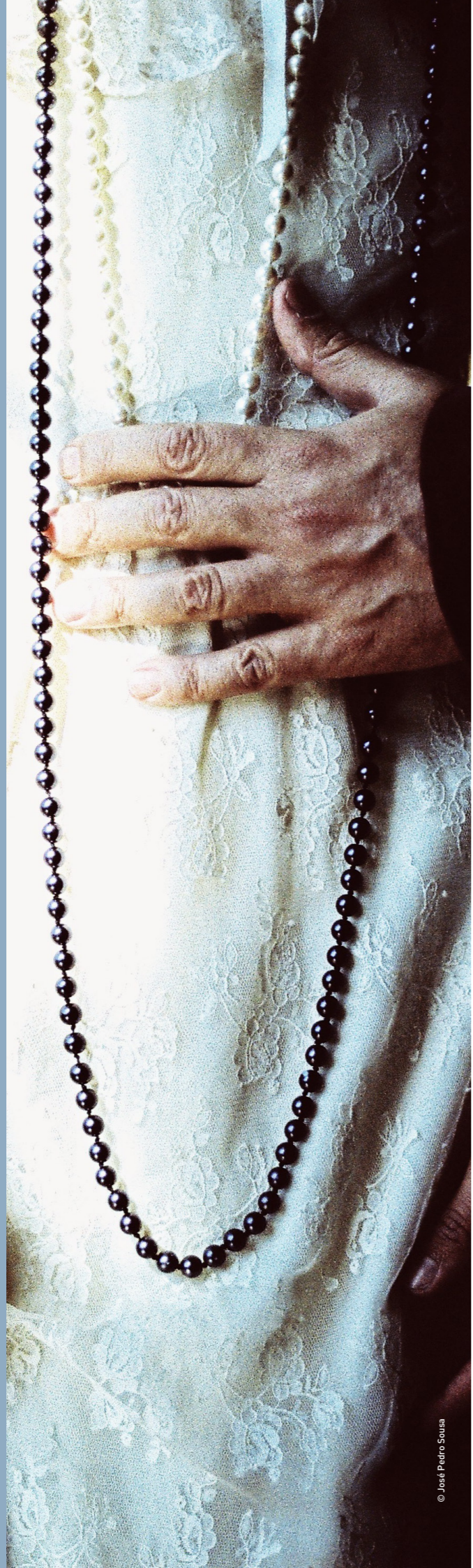
**REGRESSE  
CONNOSCO  
EM JANEIRO!**



teatroviriato

© José Pedro Sousa

TEATRO  
14 e 15 DEZ'12  
**DANÇA DA  
MORTE**  
de AUGUST STRINDBERG encenação MARCO MARTINS



# DANÇA DA MORTE

*No outro dia li no jornal que um homem se tinha divorciado sete vezes e, conseqüentemente, se tinha casado também sete vezes. No final, quando já tinha noventa anos, foi a correr casar-se outra vez com a primeira mulher. É isto o amor. Nunca cheguei a perceber se a vida é uma coisa séria ou apenas uma farsa.*

August Strindberg em *Dança da Morte*

## DANÇANDO COM ATORES

por MARCO MARTINS, encenador

Retrato diabólico e desolado da vida de um casal fechado no espaço claustrofóbico de uma sala e isolado do mundo, *Dança da Morte* fala-nos de uma crise do íntimo e da frustração das expectativas privadas de cada um. Texto inequivocamente fundador da dramaturgia contemporânea *Dança da Morte* coloca questões absolutamente centrais sobre a identidade e o caráter, neste drama íntimo sobre o cansaço e a amargura do casamento na procura de culpabilização do outro pelas escolhas e falhanços individuais. A identidade ancorada num só espaço e num só tempo que por momentos, tal como na adaptação de Friedrich Dürrenmatt, nos faz parecer o lar semelhante a um ringue de boxe.

Num texto seminal sobre o seu próprio teatro, intitulado “O caráter é uma personagem?” o autor diz a certa altura “...não será verdade que nós estamos constantemente a adaptar-nos às pessoas e a novas circunstâncias, que a realidade, que tanto se altera e varia, nos torna mutáveis e que nós brincamos nesta comédia a que chamamos vida sem o saber? Ao que parece, ao contrário do que gostaríamos de acreditar, o caráter não é uma coisa estável. É por isso que eu não empreendo a tarefa de classificar personagens: pessoas não podem ser classificadas. Cada vez que eu escolho estudar um homem acabo por concluir que o objeto do meu estudo é demente.”.

A propósito de *Dança da Morte* Eugene O'Neill forjou o termo “supernaturalismo” para distinguir a dramaturgia do realismo objetivo-mimético. Aqui a luta entre o espírito e a carne são minuciosamente e escrupulosamente trabalhados, suportados por um discurso cenográfico que sustém de forma naturalista a tradição ilusionista do teatro. Em colaboração com Artur Pinheiro, Nuno Meira e Isabel Carmona pensei num espaço cénico que nos remetesse não só para a claustrofobia do lar (que pode constituir uma metáfora de prisão ou jaula), mas que nos trouxesse ainda os limites da própria ilha infetada por uma doença desconhecida (também ela metafórica). Esta torre, esta ilha, constituem-se pois como um espelho da situação humana isolada no seu egoísmo mas também uma clara alusão à situação atual do país e da própria Europa. Como acontece com os verdadeiros clássicos *Dança da Morte* reflete de forma visionária sobre este presente tão incer-

to que vivemos (sem necessitar de atualizações ou reformulações) no qual, como diz Michelangelo Pistoletto passado e presente parecem igualmente distantes. Um momento em que deixamos de acreditar num futuro próximo e olhamos com desconfiança para o passado e, nesse sentido, um momento em que o futuro parece fugir-nos. No fundo é isto um clássico, um texto que espelha sempre o momento contemporâneo.

A encenação de *Dança da Morte* significará sempre a exploração do lado mais negro da alma humana e uma prova de grande labor para os atores que se disponham a interpretar estas personagens tão sombrias, cobardes na sua incapacidade de mudar o seu futuro e na forma como manipulam quem os rodeia (num primeiro esboço, Strindberg chegou a chamar a este texto “Os Vampiros”) tantas vezes tocando aspetos da própria biografia do autor, ele próprio bastante cético em relação ao casamento e casado três vezes com diferentes atrizes.

*Alice*

*Isto deve ser o eterno tormento? Quer dizer que isto não tem fim?*

*Capitão*

*Sim (...). Quando a morte chegar talvez a vida comece.*

Como prisioneiros da carne, dos seus autoenganos e mentiras, os participantes desta dança macabra partilham o mesmo dilema existencial - a dança da morte é no final a própria vida. Nesse sentido, este espetáculo será sempre um trabalho a quatro mãos e só possível com a total imersão dos atores que se dispuseram a compreender todas as ambiguidades destas personagens tão complexas e contraditórias. Obrigado Miguel Guilherme, Isabel Abreu e Sérgio Praia pela vossa incansável busca de um sentido para esta dança a quatro com que continuamos a enganar a morte.

130 min. s/ intervalo  
m/ 12 anos

Texto August Strindberg

Tradução

João Paulo Esteves da Silva

Encenação Marco Martins

Cenografia Artur Pinheiro

Desenho de luz Nuno Meira

Figurinos Isabel Carmona

Sonoplastia ameba

Interpretação Miguel Guilherme,  
Isabel Abreu e Sérgio Praia

Figuração Mariana Mestre  
e Pedro Cruzeiro

Direção de produção  
Narcisa Costa

Colaboração Embaixada  
da Suécia em Lisboa

Apoio Monte da Penha, Cadena  
Vestuario S.L., ameba, Fundação  
Portuguesa das Comunicações

Agradecimentos Act - Escola de  
Atores, Galeria Quadrup,  
José Pedro Sousa, Maria Almeida,  
Maria Matos Teatro Municipal,  
Teatro Nacional D. Maria II,  
Patrícia Vasconcelos  
e Tiago Carvalho

Coprodução

